

EDITORIAL

A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] As pessoas não morrem, ficam encantadas (João Guimarães Rosa em discurso de posse na Academia Brasileira de Letras 16/11/1967).

Nos parece razoável, iniciar este primeiro número de 2020, com póstumas homenagens (*in memoriam*) às vítimas do COVID-19, - entendendo que não escapa à tarefa do geógrafo a crítica e análise da conjuntura em que está inserido. Em verdade, entendemos que, GEOGRAFIA, cumpre uma importante contribuição em face aos acontecimentos deste ano, valorando a ciência geográfica para compreensão da realidade apreendida.

Essa edição, composta por oito artigos, apresenta uma gama de temas que perpassam da fenomenologia a qualidade ambiental, da abordagem a despeito do moçambicano e de Moçambique, o ensino de Geografia, a relação entre o contexto pandêmico e lugares sagrados e, por fim, a discussão dos fenômenos físicos em uma Área de Proteção Ambiental (APA). Não obstante, além de ser especial dada a conjuntura atual, honramos a eterna Professora Emérita Lívia de Oliveira, a qual se encontra abrilhantada em homenagens em sua memória, materializada em cinco notas que estão representadas em uma ode, um saber e uma saudade.

Para complementar as condolências, o periódico apresenta uma publicação póstuma de Lívia de Oliveira, sob o título “Se Eu Fosse”, poema apresentado no I Colóquio e Estudos em Geografia "40 anos de Unesp e 58 anos da Geografia de Rio Claro: Debates e Perspectivas", realizado em abril de 2016. Nele, a professora faz várias suposições, em seu testemunho histórico geográfico, do que seria se fosse uma cor, um cheiro, um sabor, uma sensação tátil, uma lembrança, um ser humano, uma geógrafa, uma professora e como Lívia de Oliveira.

Os dois primeiros artigos versam sobre experiências e representações, para isso valendo-se, principalmente, dos conceitos de Lugar e Paisagem. Assim, inauguramos o

periódico com o artigo “Geografia e a Experiência do Mundo”, da autora Amélia Nogueira. Trata-se de um breve ensaio para continuar o diálogo com aqueles que pensam construir uma ciência geográfica em que o universo do conhecimento vivido, produzido pelos homens e mulheres que experienciam os lugares e as paisagens possam ser valorizados e reconhecidos. Já o segundo “Paisagem, Lugar e Cena em a Falta que me Faz”, de autoria de Helena Gomes, busca refletir sobre a categoria paisagem. Neste trabalho, envolve um certo exercício de transgressão disciplinar. Partindo de uma questão central: será possível pensar na imagem da paisagem, em seu transporte para a cena de um filme, ou melhor, sua construção em cena? O conceito é trazido para se pensar o local que ela abriga, transformando-o em lugar para os personagens, e em um segundo nível, construindo-o como um lugar em cena.

O terceiro artigo, “A Gestão de Resíduos Sólidos e seus Reflexos na Qualidade Ambiental Urbana de Maringá-PR”, elaborado por Kelly Rigoldi, Valéria Lima e Otávio Montanher, busca compreender como o aumento do consumo de produtos descartáveis gera o crescimento gradativo de resíduos sólidos. O presente texto pretende demonstrar a importância da coleta seletiva para a manutenção da qualidade ambiental, partindo da análise da gestão dos resíduos sólidos da cidade de Maringá, por meio dos dados da coleta seletiva e convencional do ano de 2015 até o primeiro semestre de 2018.

Dando sequência, o quarto e o quinto artigos, se apresentam, respectivamente, sobre Moçambique e moçambicanos em capacitação no Brasil. Em “Abordagens Metodológicas no Campo da Dinâmica de Uso e Cobertura de Terra: Um Olhar para a Realidade Moçambicana”, dos autores Lucrêncio Macarringue, Édson Bolfe e Óscar Fumo cujo objetivo trata de uma revisão e discussão do estudo da dinâmica de uso e cobertura da terra nas abordagens metodológicas conhecidas, com olhar para a realidade moçambicana, que se distingue de outras no que diz respeito às práticas culturais, questões políticas e financeiras e conhecimento tecnológico no ordenamento do território. O estudo permitiu visualizar diferentes possibilidades metodológicas para a condução de uma pesquisa sobre a dinâmica do uso e cobertura da terra em Moçambique. As autoras Anna Lavor e Margarita Mejía, assinam “Estudo sobre as

Experiências Vivenciadas por um grupo de Moçambicanos em Capacitação no Brasil”. O artigo visa analisar elementos institucionais, transnacionais e culturais que interferiram nas relações de quatro moçambicanos, que participaram de um programa de qualificação na Rede Federal de Educação no Brasil. Percebeu-se que o preconceito étnico e racial dos brasileiros e a percepção moçambicana estigmatizada sobre a homossexualidade representaram barreiras culturais entre os países.

O texto, dos autores Anderson dos Santos e Lédiam Reinaldo, apresenta o aspecto pedagógico da Geografia no estudo do solo em “Ressignificando o Ensino de Geografia através de Práticas de Solo”. Segundo esta abordagem, o solo é um recurso natural muito importante para a vida na terra, possuindo um importante papel ecológico, sendo o principal substrato para o desenvolvimento das plantas, vivendo nele diversos animais. O objetivo proposto consiste em analisar a importância da utilização de práticas de solos como recurso metodológico em prol do desenvolvimento de uma consciência ambiental e de um melhor processo de ensino e aprendizagem por parte dos alunos. A partir dos resultados obtidos, comprovou-se que a utilização de recursos metodológicos em sala de aula melhora o aprendizado dos alunos, que mostram em sua maioria um maior interesse pelo assunto trabalhado.

O penúltimo artigo representa o emblemático evento de alcance global, no qual toda a humanidade está inserida. O texto intitulado “Distanciamento Social na Perspectiva do Sagrado: Coronavírus e as Novas Práticas Espaciais” mostra uma perspectiva de análise acerca do sagrado em sua dimensão espacial em um período de distanciamento social proveniente de uma pandemia que avança em escala planetária, afetando também templos religiosos e outros lugares sagrados.

Finalizando este número, o oitavo artigo carrega em seu título a própria síntese de seu desenvolvimento em “Análise da Ocorrência de Feições Erosivas Lineares na Área de Proteção Ambiental (APA) do Timburi, Presidente Prudente (SP)”. Emanuela Moreira, Leonardo Thomazini, João Osvaldo Nunes, Melina Fushimi e Caio Augusto Marques dos Santos discutem os processos erosivos, resultados de alguns fenômenos físicos, em muitos casos atrelados às atividades humanas, e tem como objetivo analisar a

ocorrência de processos erosivos lineares e seus condicionantes geomorfológicos. No trabalho foram elaborados diversos mapas temáticos, tendo como ponto central as formas de relevo, e a realização de trabalhos de campo para identificação das áreas mais vulneráveis ao desenvolvimento dos processos erosivos.

Conselho Editorial